



O Gaiato

14 DE OUTUBRO DE 1972

ANO XXIX — N.º 746 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



PATRIMONIO DOS POBRES



Respigamos de «A Voz de Leça», boletim de uma paróquia onde se trabalha a sério e com espírito.

Como a evolução das condições sociais levantou muitos problemas ao «modus vivendi» no Património dos Pobres em numerosas paróquias, especialmente de feição urbana ou sub-urbana — conforme se tem relatado nestas colunas — parece-nos útil este testemunho.

Não que, geralmente, consideremos esta fórmula, como forma ideal de resolver os problemas. Mas pode ser uma solução...

E é uma experiência a que outros Párocos podem vir buscar luz para os seus casos.

Por isso aí vai:

«Com os nossos inquilinos, temos adoptado um procedimento firme e suave ao mesmo tempo.

Não falta quem julgue que os beneficiários das casas, construídas pela caridade da nossa gente, deveriam ser impecáveis e irrepreensíveis, como se aquelas habitações fossem, assim, uma espécie de piscina probática que os lavasse de toda a mancha e Cont. na TERCEIRA página

Lourenço Marques

Seria o momento de apresentar o que nos dão, se mais oportuno me não parecera dizer do que necessitamos.

Esperava ir resolvendo compromissos amontoados nos últimos meses e trago-os ao papel, na esperança de que os nossos amigos os sintam como seus. Tenho sido um caminhante apressado pelas ruas da cidade, com o coração na boca e a esperança no olhar, nesta vida de mendigo. Não lamento, nem me detenho, nem me choca já, tanto que podia testemunhar um ultraje para quem vive na absoluta dependência dos outros. Mas há atitudes que ficam registadas na alma para toda a vida, como um donativo de cinco mil escudos, o mais amargo nestes catorze anos de Padre da Rua. Mil vezes o óbulo da viúva que materialmente nada resolve, mas é um monumento de expressão da bondade. Por aqueles que dependem de mim, por aqueles que aguardam encontrar-me no seu destino, não esmoreço, antes vivo confiante e vejo que se Deus nem sempre guia os meus passos para o mais fácil, me acompanha neste caminho que escolhi.

Aqui vai, pois, «a dolorosa» notícia para quem nos ler:

- De MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO — Devemos no A. Teixeira 53.691\$00; no A. J. Vergueiro 7.782\$00 de pedra; de tintas, na C. I. N., ainda não chegou a conta, mas trazemos há cerca de quatro meses, três pintores de trincha na mão. Da Empresa Metalúrgica de Moçambique há uma factura de 951\$60 de rede para as janelas. De madeiras à Indústria de A. Florestais, L.da vai a conta em 60.074\$00. A. Leão & C.º 4.274\$00 de vigamentos pré-esforçados. De retalhos de pedra para o chão 3.060\$00 no Pardal Monteiro. Na «Rádio Avenida» 17.060\$10 de artigos eléctricos. E ainda 7.922\$00 a Pavimento Moderno, L.da, da aplicação de «parquet» nos quartos da casa-mãe.

- No capítulo ALIMENTAÇÃO — Temos 3.965\$00 em Eduardo Martins & Irmão; e só porque quase sempre fica na «conta dos Pobres» tanto que lá vamos buscar para a nossa mesa.

- De FORNECIMENTOS VARIOS — A nossa lavoura e pecuária vai a lista em 31.594\$00 na S. A. L. Produtos e em 920\$00 na Cajú Industrial. A Sonefe há-de receber 5.169\$30 só de energia fornecida em Agosto e prestação mensal da linha de alta tensão.



As carícias de «Quim do Porto» estremecem o «Cebolinha». É um quadro vivo — e típico — da nossa Aldeia de Paço de Sousa.

UM HOMEM

Passara fugazmente pela Assistência um nome que a história registará..., mas a memória dos homens não conserva.

Eu estava ainda no Seminário... Recordo como se fôra ontem, a alegria de Pai Américo pelo homem-novo que ocupava o lugar.

Conheci-o depois, na primavera do meu sacerdócio. Experimentei-o mais tarde, no desencadear da primeira tempestade. Depois, tivémo-lo sempre ao lado nas grandes horas, difíceis ou boas. Não me cabe a mim canonizar ninguém, nem tenho tendência de santeiro. De resto, os santos são-no, não essencialmente pela ausência de defeitos, mas pela presença de virtudes heróicas.

Dr. Melo e Castro era um homem bom, verdadeiro, leal, amigo, livre, pobre. Sofreu pela sua independência de alma, pela rectidão de carácter que não torce. Servir, serviu com ideal. Servil nunca. Isso o autorizou diante de quem o chamara e diante de quantos trabalha-

ram com ele, irmanados no desejo de servir, ou haviam testemunhado o seu serviço.

Comum amigo, no seu jeito de falar sem eufemismos, dizia dele: «O Zé Guilherme deixou o posto e rejeitou a posta».

Oh homem raro! Oh alma sem valor de venda! Oh bendito orgulho de ser digno!

Podia ter errado aqui ou ali... Mas serviu com ideal. Por isso era aberto à verdade, mesmo que ela o não lisonjeasse, ou ao grupo em que militava.

«Enfant terrible» — lhe ouvi chamar uma vez, em tom de superioridade instalada, quando em vão se discutiu o emparcelamento e se silenciou o parcelamento sob a pressão dos latifúndios. Nas horas decisivas em que se procurou a verdade, ele foi campeão, mas nem sempre muito conveniente à ortodoxia estabelecida. Foi assim até ao fim da sua vida de homem público,

Continua na QUARTA página

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

RETIRO — O nosso Retiro — tanto dos médios em Julho, como o dos maiores, agora em Setembro — beneficiou este ano de uma grande remodelação. E com bons resultados, graças a Deus. Houve grande alegria, muita fraternidade e abertura de espírito.

Os depoimentos de alguns jovens provaram com palavras simples que Jesus vive em nós e que o nosso caminho é só um — a estrada de Deus.

Aliás, em Cucujães, tudo era fácil, tudo era belo, porque nos amávamos uns aos outros. Conhecemo-nos todos uns aos outros. Portanto, não houve impecilhos. A luta é cá fora, contra o mal, tentação do egoísmo, tudo o que nos pode separar de Deus.

Jovens: Não desanimem! Prá frente é que é o caminho! Lembrai-vos que Jesus vive no meio de nós. Até, e sobretudo, nos momentos mais difíceis. Aí é que Ele é a nossa Tá-bua de Salvação.

FÉRIAS — Depois de terminado o quinto turno, em nossa Colónia de Férias de Azurara (Vila do Conde), os nossos vendedores beneficiaram de mais uns dias de praia — para recompensar os seus esforços na venda de «O Gaiato».

Sr. P.e Carlos também lá esteve com eles. Oxalá tenha descansado o suficiente — moralmente e espiritualmente — para continuar a sua missão de Padre/Pai.

Por fim, Amândio e mais dois colegas foram encarregados de proceder à limpeza e arrumação geral da casa. Foi o adeus, deste ano, à rica praia de Azurara.

Encontra-se em férias, neste momento, a Senhora D. Sofia. Ela bem merece, pelo seu trabalho, pelo seu esforço durante o ano. Esperamos alegremente a sua chegada. Até lá, boas férias. E boa disposição — para nos aturar.

NOVOS GAIATOS — Chegaram mais rapazes que já fazem parte da nossa Família. Não faltam «padrinhos» e apelidos!... É a velha tradição de alcunhas «cozinhadas» ou a «cozinhadas»...

ESCOLA PRIMÁRIA — Começaram as aulas da Escola Primária. Os novos, repetentes e quantos aproveitaram, entraram em acção. Felicidades e bom aproveitamento.

TELESCOLA: Os que fizeram exame da 4.ª classe o ano transacto, continuam agora na Telescola. Estão matriculados dúzia e meia no 1.º ano. E uma dúzia no 2.º ano. Que todos e cada um saibam mostrar que para a frente é que é a meta. Para trás não...!

NOVOS ESTUDANTES NO LAR DO PORTO — «Piloto», «Mantei-

gas» e Zé Arménio vão estudar para o Porto.

Meus caros: Aproveitai esta bela oportunidade. Mais tarde saberão avaliar o bem que ora tendes. De contrário, o prejuízo é vosso.

Não desanimem! Felicidades para todos.

TIPOGRAFIA — A «Monotype — Super» está no fim da sua montagem. O técnico procede, agora, à colocação das últimas peças da máquina. E os tipógrafos esperam ansiosos que a nova unidade comece a trabalhar, para servir a composição de melhor material.

LIVRO «VIAGENS» — Acabámos a impressão do seu décimo caderno, sobre África.

Esperamos, dentro em breve, terminar a impressão da obra. Depois...

Henrique Ribeiro Fernandes

BENGUELA

FUTEBOL DE SALÃO — Terminou o Campeonato de Futebol de Salão. Este ano, mais uma vez, tivemos a oportunidade de sermos os primeiros. Mas... perdemos no último jogo o campeonato contra os Gráficos. Posso dizer que os Gaiatos, em futebol de salão, são considerados como autênticos ases. Logo de início houve muita discordância com a nossa inscrição no campeonato. Enfim, não queriam, por força alguma, que entrássemos. E aqueles delegados pareciam muito nossos amigos...

«têm obrigação de ganhar o campeonato»... E mais ainda: que «não trabalham; jogam a bola!» Não há direito de se falar sem ter conhecimento de causa. Ou será que essas pessoas falam por ter dores de cabeça? Todavia, enquanto essas pessoas «gozam», a nossa equipa passa a sorrir. Neste último jogo ficámos também bastante surpreendidos, porque parecia das únicas equipas que nos apoiavam, mas, no jogo, aquilo é que foi! Esfarraparam-se todos. Sarrafaram. E, no golo da vitória, até se deitaram ao chão! Fizeram trinta por uma linha. Eu frizo que não estou a criticar por eles nos terem ganho; não. Mas simplesmente, pela atitude que tiveram. Paciência. Cada vez mais temos que nos convencer que não podemos dar tréguas a ninguém...

OBRAS — Já começámos com o levantamento de mais uma casa. Desta vez é o salão de festas e biblioteca e também o recinto de jogos. É mais um passo em frente para a construção da nossa Aldeia que, sem se dar por ela, vamos concluindo. E mais uma vez pedimos a vossa ajuda para este grande passo. Se quiserem, todos podem ajudar — muito ou pouco. Rico ou pobre, não interessa; o que interessa é que se dê a mão aos mais fracos. Porque ninguém é tão pobre que não tenha nada para dar. E ninguém, por ser tão rico, não tenha obrigação de repartir na mesma proporção. A nossa Obra bem merece. É vossa. E tudo depende dos vossos corações.

Zeca

na enfermar de menos burocracia — na era das simplificações, da aplicação prática de todas as filosofias de produtividade. O certo é que continuamos a sofrer, particularmente os cidadãos dos meios rurais — alguns chamados menos evoluídos só porque não sabem ler nem escrever.

Aí vai um caso do nosso rol:

Ajudamos uma Pobre, viúva de um empregado comercial que descontou um rol de anos. Todavia, na altura e durante anos, ela desconheceu os seus direitos. Nós, idem. Um dia, porém, escutou uma amiga. Ouviu, ouviu, ouviu. E, assim motivada, lançou-se em campo. Pediu a alguém para escrever «o Ministro» — em Fevereiro. Procurou-nos exultante: — «Sabe, escrevi ao Ministro!» E aduziu razões. Até que revelou ter mandado «os cartões — que ficaram por lá»... Crescia d'alegria e suspirou: «aqui tem a resposta!». Era uma Direcção Geral comunicando que solicitara informações à Caixa.

Passaram três meses e nada! Com essa deixa, angustiados, suprimos o que competia aos Serviços — escrevemos à Caixa. E aqui começa o jogo da cobra-cega! Decorrido quase outro mês, chega resposta. Que não era ali. Que escrevesse para outra Caixa!! Quando os dados, sobretudo a localização e regalias clínicas do falecido beneficiário, passaram por lá. Mas «não constava como beneficiário inscrito nesta Instituição»...

Adiante. Fomos, então, bater à porta que nos indicaram — em Lisboa. Aqui, vá lá, a demora foi menor — uma semana. Suspirámos d'alívio, antes de abrir a carta. Mas... a resposta elucidava «que o pedido de sobrevivência foi enviado para a Caixa de..., que é a Instituição com-

quase todos os departamentos. Terceiro: no domínio da produtividade quanto não perde a Nação com este jogo de portas! Quarto: não bastaria só uma ou duas cartas para solução do problema, isto é, o departamento consultado faria logo a recolha dos dados e o respectivo endosso à instituição competente que, por sua vez, em curto prazo, elucidaria o beneficiário?

Ou temos de esperar por mais apuros na Cibernética? Valha-nos Deus!

DONATIVOS — Continuam a afiur com generosidade, graças a Deus. Alguns, até, com muita perseverança. São os grandes colaboradores da nossa cruzada.

Venho, agora, da casa de um ancião. Ainda trabalha. Pouco. E coesoante as forças e disposição: «enquanto Deus me der vida e saúde — acentuou — os braços são o meu ganha-pão». O capital dos Pobres! Frizou, ainda, mais o seguinte — com uma visão irónica, muito clara, muito certa, da problemática actual das Conferências Vicentinas: «Se todos os velhos e doentes fossem a viver só daquilo que vocês dão»... Suspirou e rematou com ênfase: «Mas dão o que podem»...

Eu estava atento. Boca fechada. Nós temos de ouvir, ouvir, ouvir — para fazer o que nos for possível. E enquanto ele, com muita calma e delicadeza, desfiava o seu maior rosário dos outros, preparava-lhe a roupa domingueira. Fazia a trouxa da suja. Abria a cama. Arrumava a cómoda. E mais.

No fim do desabafo, convenci-o a fazer a barba. Era domingo... Apoiou-se na arca, dobrado ao peso dos anos. E acedeu ao convite. Quem me dera desfilar todo o oportuno diálogo!...

Aqui está a assinante 11162, com 20\$00. Um vale do correio de Carviçais, com 300\$00 de nome conhecido. Mais 45\$00 do Funchal. E 100\$00 do assinante 26424, de Lisboa. Uma série de notas da assinante 587, do Porto e de visita a Paço de Sousa. Mais dois embrulhos de roupa e calçado, ambos da capital: um das Picoas, outro entregue no Montepio Geral.

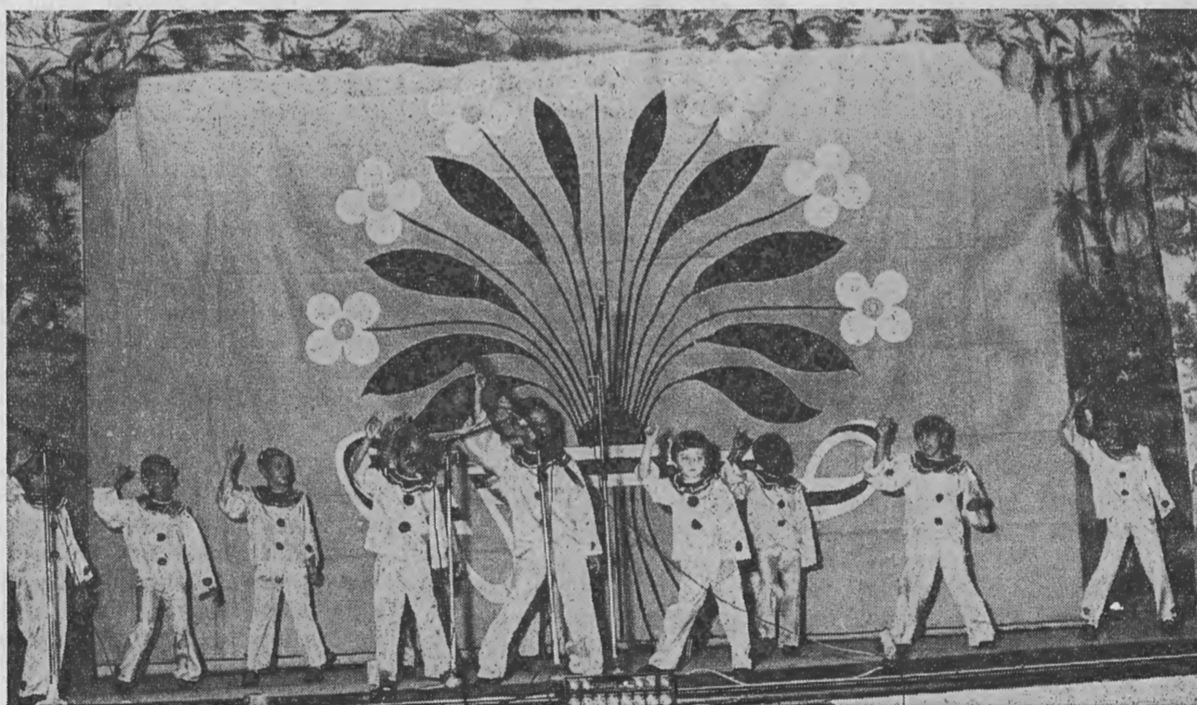
É tudo. Um muito obrigado dos nossos Pobres. E se desejar colaborar conosco, dirija-se à Conferência de Paço de Sousa — Jornal «O Gaiato» — Paço de Sousa.

JÚLIO MENDES

No Monte de S. Domingos

Verão é tempo de férias. Para os nossos rapazes são, agora, um doce reboçado que já se chupou; ou do qual ainda permanece na boca um aroma e um sabor que se esvai...

Com o nosso Padre Carlos (e quem o acompanhou) está a acontecer o mesmo. Enquanto os últimos rapazes a gozar as suas férias se delicia-



O Conjunto dos «Batatinhas» de Benguela, aqueceu ao rubro as plateias angolanas.

Afinal, andam a tramar-nos por trás! Mas, conhecedores disto tudo, fomos para os jogos e começámos a fazer o que podíamos e sabíamos. Então, verificámos que todas as equipas que jogavam contra nós se esfarrapavam sempre para obter o melhor possível; e contra os outros que também iam bem classificados nunca se esforçaram! Ora isto assim não é muito digno, mas anti-desportivo. Vejam lá: muitas equipas pagavam àquelas que nos conseguissem ganhar! E iam para os bares... Enfim, tudo isto é triste! Há os que dizem que os Gaiatos

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

POBRES — Apesar de ignorantes dos pormenores regulamentares da Previdência, temos sido um constante cireneu dos Pobres — operários ou inválidos, beneficiários.

Poderíamos, no encaminhamento de alguns pedidos de solução, já ter desesperado com anomalias, que não dizem bem de um Serviço que deve-

petente para a atribuição do subsídio solicitado». Outra Caixa!!

De Junho até à data, novo compasso de espera! Será que esta sofrerá, também, de sobrecarga de serviço ou espera pela Cibernética ou por mais funcionários ou os dados do beneficiário se evaporaram na Torre do Tombo?

Hoje, segue uma exposição para a última Caixa, que o «dossier» parece não estar ainda esgotado...

Triste, a conclusão! Primeiro: escalada de portas do vértice à base. Segundo: excessivas demoras em



● «PARÁBOLAS DO REINO»

«A esta hora nocturna, despo- voad, tão nocturna que nem a habitam sombras, é quando costume sentir mais a den- sidade das coisas que aconte- ceram no decurso do dia. Parece que tudo é submetido a uma operação de coagem na rede da consciência e só fica retido o que realmente tem dimensão e peso específicos, como aquele encontro de hoje. Revejo aqueles olhos de be- duíno do deserto, vivos, supli- cantes e submissos, como diz a Bíblia a respeito do olhar da escrava em face da senho- ra. São eles ainda com fogo bastante para incendiar a mi- nha noite. O miúdo teria quê... oito anos... nove... O lixo que carregava na cara, nas mãos e na roupa não permitiam ava- liar-lhe a idade. Abeirou-se de

RECORTE

mim e pediu-me um tostão com o braço estendido. Tinham-me ensinado em pe- queno — e eu via os adultos proceder assim também — que aos Pobres só se deve dar pão, que os há por aí que quando têm dois reis no bolso os gas- tam em vícios. E um Pobre não tem direito de ter vícios en- quanto precisar de pão. Talvez por isso, porque o miúdo conhe- cia as regras do jogo, acrescen- tou logo, no requerimento: — É para comprar pão. — Com que então tão pe- queno e já a mentir, anh! — respondi eu antes de dar provisão ao pedido. Não dou, que és mentiroso... Eu, paternal, moralista, ca- tequeta em tarde de domingo, castigador implacável diante da transgressão.

— E se eu disser a verda- de, dá-me o tostão? Era pr'a rebuçados... A felicidade é assim: faz-se também com o supérfluo. O que é o supérfluo? O que é o essencial? Por onde passa a linha do equador que inventá- mos nós, os topógrafos da fe- licidade dos outros, para divi- dir as águas territoriais onde é lícito navegar e onde não é? O Chico — era assim que se chamava o miúdo — era feliz com os rebuçados que me pedia embrulhados no papel da sua mentira de circunstância. Não era com o pão que eu ge- nerosamente lhe queria ofertar. É que o meu conceito de ho- mem assentava na filosofia de que ele é um animal de en- gorda. Por isso — deduzia eu — só deve pedir pão. O essen-

cial porém, é muitas vezes o supérfluo ou com ele confec- cionado em certa dose. E não se sabe sempre onde começa um e acaba o outro. Por isso o Chico era feliz com os rebu- çados e não com o meu pão. E outra coisa me ensinou o ra- pazito de olhos negros: que a fe- licidade não é programável, não é pré-fabricada, embrulhada, pe- sada e vendida em embalagem estandardizada. É, ao fim e ao cabo, a verdade de cada homem. A nós compete dar o tostão se alguém há que o não tenha nem culpa de o não ter. Quem diz o tostão diz aquilo de que os homens precisam e a que têm direito, para construir a sua vida. Mas não temos de curar sobre a forma como dis- põem as pedras para levantar o edifício.

de é dignificante também. Os japoneses ao estabelecerem agora as suas relações diplomáticas com os chineses vieram, através do seu representante, apresentar des- culpas pelos erros passados. Os dois países têm sido ini- migos há quase um século e du- rante a maior parte desse tempo o Japão foi o mais forte, assu- mindo o papel de agressor, e a China foi a vítima. Assim, um dos primeiros gestos de Tanaka em Pequim foi a apresentação de um pedido de desculpas ao povo chinês pelos crimes cometi- dos no passado pelos militaris- tas japoneses. Também podemos aprender por estes acontecimentos o valor do perdão e da humildade. Não são os grandes discursos sobre a paz que a trazem ao seio das nações. Nem mesmo os grandes tratados. São estas acções de sinceridade e humil- dade capazes de a implantar. Também para cada um, a paz interior estabeleceu-se a partir de um reconhecimento dos nossos erros e fracassos. Ponto de partida para mais e melhor.

H. C.»

É tão raro encontrar, com tal beleza e unção, um teste- munho de respeito pelo outro e pelo seu direito de construir a vida em liberdade — que não resistimos a respigá-lo da «Voz Portucalense».

● «O VALOR DO PERDÃO E DA HUMILDADE»

Poucas vezes os homens pú- blicos e até particulares reco- nhecem seus erros. E esta aitu-

Comentador» (De «O Distrito de Portalegre»)

os nossos Pobres, são pobres de tudo: de dinheiro, de saúde, de inteligência, de educação, etc. Muitas vezes, começam por ser

vam em Azurara com uns banhos de mar (ou de chuva) Sr. Padre Carlos mais três companheiros — Abrunheiro, «Piloto» e Américo — «assenta- vam barraca» no Monte de S. Domingos. Aí, durante uma semana, enche- mos os pulmões de ar puro, a vista de paisagens, o coração de recorda- ções e a barriga de bons pitéus, gostosamente elaborados pelo Sr. Pa- dre Carlos, que tem veia pantagrué- lica. O Monte de S. Domingos foi esco- lhido para estas férias, em virtude da sua privilegiada situação, que per-

Nestas andanças gastámos o dia. Chegámos ao Monte já de noite. Aí nos esperava um simpático moinho de vento. Não, não íamos moer cereal. O moinho já fora demitido das suas funções. Agora é uma linda casinha, dividida interiormente em dois anda- res: no superior fica o quarto, no inferior a cozinha. Mas não estáva- mos sós no Monte. Encontrámos um acampamento escutista, cujos simpá- ticos membros nos fizeram companhia. No primeiro dia fomos conhecer o Monte. Para nós, mais novos, era novidade. O Senhor Padre Carlos já aí tem

surgiu: descemos em direcção a um lindo vale que o beija na base. Assim, numa manhã cheia de sol, Abrunhei- ro, «Piloto» e Américo lá foram de cajado na mão realizar a «façanha» que ocupou umas horas e durante a qual se percorreram alguns quiló- metros. Como é natural, praticámos alpinismo e fizemos muita ginástica, pois o Monte é muito íngreme. Outro dia fomos para o lado oposto, ao encontro de uma aldeia próxi- ma. Atravessámos vinhedos e campos e satisfizemos a nossa curiosidade. E assim os dias foram passando. Apenas o mau tempo, num dia cu- outro, perturbou a calma do eremité- rio. O fim chegou. Arrumada «a tra- lha», fomos embofá. Na viagem de regresso fizemos um desvio até Lamego, onde corriam as festas da Senhora dos Remédios. Por fim, che- gámos a Paço de Sousa sãos e salvos; mas como não podia de deixar de ser o Abrunheiro enjoou outra vez! O rapaz tem pouca sorte; não pode andar muito tempo de automóvel. E aqui fica para posteridade, o relato desses dias. Caro leitor, se puder, vá a S. Domingos e não se arrependerá.

Américo Manuel

MIRANDA DO CORVO

AMIGOS — Com a chegada do «Tó» fiquei com mais um amigo. Por não saber ainda o meu nome é por amigo que ele me apelida. Ontem perguntei-lhe porque era ele meu amigo e a resposta veio assim: «Eu sou amigo do amigo porque o amigo me deu banho». Dei-lhe banho, é verdade; mas para lho dar foi um castigo! Primeiro, não queria despir- se; depois fugiu e tive que correr atrás dele e levá-lo à força para o balneário; a seguir veio uma quan- tidade de palavras que, quando co- mecei a ouvi-las, tive que tapar-lhe a boca com a mão; por fim, conse- gui acalmá-lo e que começasse a molhar-se, mas isto no fim de me perguntar uma série de vezes: «A água não faz mal à cabeça, não?». Molhou os pés, com grande receio, depois as pernas e no fim já se metia debaixo da água. Após o banho perguntei-lhe quem lhe havia ensi- nado as palavras que havia pouco proferira. Disse-me: «Foi no hospital. Os homens diziam que eu era filho d'...». E lá se ia mais uma se o não mandasse calar a tempo. Então, me- ditei e lembrei-me da palavra do



O simpático moinho de vento, do Monte de S. Domingos, serviu-nos de abrigo.

mite desfrutar das mais belas paisa- gens do nosso Portugal. Dali se avista a cidade de Lamego, a Vila da Régua e uma parte da cidade de Vila Real, assim como o ponto mais alto do Marão e o rio Douro. Partimos de Paço de Sousa numa bela tarde de Agosto, com a carrin- ha abastecida, em direcção ao Porto, aonde fomos buscar a Senhora do nosso Lar que também seguia para sua casa. No dia seguinte fomos até ao Tua, onde largámos a carrinha, para via- jarmos numa automotora até Bru- nheda. Aí deixámos a Senhora, para voltarmos ao Tua e seguirmos, na carrinha, para o Monte. Esta viagem foi a melhor introdução às nossas férias. Só quem viajou por essas terras pode dizer quão bonitas são as paisagens, nomeadamente o Marão, o vale do Douro ou o rio Tua. Apenas um pequeno incidente estragou a viagem do Abrunheiro: «as voltinhas do Marão & C.» fizeram-lhe mal: enjoou.

passado algumas das suas férias. Gos- támos imenso daquelas vistas. Uns montes com vinhedos que mais pare- ciam jardins, outros com vegetação reduzida e mais agreste, mas linda na mesma; o rio lá ao fundo, apare- cendo por detrás de uma elevação; uma mancha branca que é a Régua; por detrás o Marão; mais ao longe Vila Real; caminhando para sul, La- mego com a mancha verde dos Re- médios. À noite rezávamos o Terço percorrendo os caminhos que ro- deiam a capela. Depois sentávamo- nos a olhar a paisagem nocturna com as luzes a sobressair do escuro da noite. Que momentos esses! Nós sentiamo-nos acima da Terra, ia a dizer, quase no Céu! Era aquela a mais bela oração que podíamos diri- gir a Deus naquela altura: o estar- mos ali, contemplando aquilo e ele- vando a alma até Ele. Durante o dia preenchíamos alguns momentos jogando às cartas, enquanto o Sr. Padre Carlos tomava uns ape- tecidos banhos de sol. Ao olharmos o Monte, uma ideia

Património dos Pobres

Cont. da PRIMEIRA página os tornasse invulneráveis a toda a mácula. Não. Não pode ser. Quem é pobre de bens materiais, de um modo geral começou por o ser de dotes físicos, ou morais ou psicológicos ou espirituais. Cos- tuma dizer-se e muito bem que

pobres, porque não querem tra- balhar. Neste caso, a melhor es- mola é levá-los a trabalhar. Todas as pessoas que traba- lham nos organismos da assist- ência esforçam-se por os levar a trabalhar, o que nem sempre se consegue. Neste caso procura- se defender as vítimas da pre- guiça, os filhos, por todos os meios ao alcance da comunidade. Nunca desistimos enquanto não os convencemos a trabalhar. Que fazer? Aqueles que nos pa- rece viverem melhor e que têm comodidades que não são de pri- meira necessidade, como televi- são, etc., estamos a aplicar uma renda que reverte em favor do pagamento do aluguer da casa de outros que a não podem pagar. Procuramos fazer isto com o coração, mas também sem exer- cer sobre eles qualquer espécie de paternalismo. Fazem-se contractos de arren- damento, passam-se recibos exat- tamente do que eles pagam. Quando, por qualquer circuns- tância, doença, etc., o não podem fazer, recebem do Tesoureiro a importância total ou parcial, conforme as circunstâncias reais, para depois pagarem ao cobra- dor. Não nos conformamos com o mal, mas procuramos tratar as pessoas com caridade e paciência. Que mais havemos de fazer? Aceitamos sugestões, mas não nos digam que os abandone- mos».

Senhor: «Se alguém escandalizar um destes meninos, melhor fora que lhe atassem uma mó de moinho ao pes- coço e o lançassem ao mar». Ontem o «Tó» disse-nos que tinha sete anos e ao ouvir falar em escola, conti- nuou: «Segunda-feira já vou para a escola. É tão bom e eu estou tão contentes». TRABALHO E ESTUDO — Ter- minou o Verão. Colheram-se as últi- mas frutas: pêssegos, pêras e maçãs, que por sinal foram bem poucas este ano. Estão arrumadas para se irem comendo. O milho e o feijão esperam nas terras que pare por uns dias a chuva, para serem escolhidos. Já tão comentada e ambicionada vindima está próxima. Para isso vão-se afian- do navalhas e improvisando outras, lavam-se as pipas e a adega que nesta altura do ano estão já ou quase vazias. Com o Verão terminam também as férias. Começa um novo ano escolar. Vamo-nos distribuir pelos habituais locais de ensino, havendo mais um nunca frequentado cá em Casa: a Telescola. Assim, seremos: sete no Externato Pedro Nunes, quatro na Escola Comercial no curso nocturno, perto de vinte no novo posto da Teles- cola e cerca de sessenta na Escola Primária. Aguardemos que, neste ano, haja um bom aproveitamento.

«Lita»



Os nossos livros

Não há dúvida, foi muito frutuoso para a nossa Editorial — para os nossos leitores — o balanço do tempo que o mundo consagra às férias. Houve quem não dispensasse, no mar ou no campo (e até nas cidades e vilas...), meditar e ferver nas obras aliciantes de Pai Américo. Está aqui a meu lado, por exemplo, entre a multidão de presenças, uma assinante de Lisboa que, além de nos tratar cristãmente por meus irmãos, grita com veemência: — **Que pena ser tão pequeno e ter fim (o «isto é a Casa do Gaiato»)!**

Ainda agora «Recocheco», Aníbal e Manuelzito aprontaram mais duas centenas deles, para manter o «stock» indispensável a requisições diárias dos nossos leitores, assinantes e amigos; e, também, para servir as nossas Casas, sobretudo as africanas, mais a existência normal para os pedidos formulados por visitantes aos nossos cicerones.

Entretanto, do longo diário da nossa Editorial — à espera de vaga nestas colunas — fonte inexgotável de motivações as mais diversas, no domínio do Espírito — não resistimos a transcrever, hoje, com a devida vénia, uma nota publicada na página «ARTES E LETRAS» do «Diário de Notícias» sob o título «O espírito da letra — Literatura da Vida». Ei-la:

● **«Há uma leitura que podemos efectuar ao vivo, sem letras mas com espírito...»**

«Vida da literatura ou literatura da vida? A releitura destas páginas, cheias de dor, de alegria e de graça, que o Pai Américo nos deixou, era prescindível, porque, morto o autor, publicado o livro, há uma leitura que todos nós podemos efectuar, ao vivo, sem letras mas com espírito, num contacto directo com a Casa do Gaiato e com a vida que ali, em Paço de Sousa ou no Tojal, tem gerado uma literatura que é da vida e para a vida. Creio que nunca como nos livros do Pai Américo, o binómio vida/literatura nos apareceu tão estreitado em antinomia. Qual literatura, qual ficção, qual concepção de personagens literárias, qual invenção de tipos sociais, qual análise psicológica, qual profundidade imagística e inventiva, qual sobriedade, qual notoriedade estilística! Para que serve tudo isso quando, aqui, agora, urge, ressurgir, um texto vital que importa ler sobre o texto literário? «Isto é a Casa do Gaiato!»

TRANSPORTADO NOS AVIÕES
DA T. A. P. PARA ANGOLA E
MOÇAMBIQUE



● **Pai Américo — «... grande escritor, o maior narrador português do nosso tempo...»**

Claro, o Pai Américo não escrevia como escritor, nem como ficcionista! Para que tinha ele de usar a imaginação literária, se todo o imaginado e todo o imaginável estavam na sua presença, feitos carne e sangue, boca e olhos, inocência e graça, sofrimento e ignorância, luz e pecado? Para que teria ele de se afirmar como retratador de tipos sociais, se ele tinha ali, não só os tipos, mas as desgraças sociais? Para que haveria ele de tolher-se numa oratória de fraternidade, se as crianças lhe pediam para ele ser um pai? Para que havia ele de preocupar-se com a função social da arte, se o artista era requisitado para a função social do amor humano? Para que haveria ele de investigar a infância e a maturidade da arte, se tinha ali a infância e a velhice para tratar, médico e sacerdote, pai e irmão, abrigo e confessor?

Foi assim que surgiu este grande escritor, o maior narrador português do nosso tempo, o único escritor que, em termos de neo-realismo, sem ideologia neo-realista, viveu, participou, documentou e comunicou o vasto inquérito social que o neo-realismo se propunha mas que veio a ser realmente realizado (e vivido), não pelo neo-realismo coimbrão, mas pelo Pai Américo.

● **«Nós, que, proclamando a justiça, vamos preferindo a vida da literatura à literatura da vida.»**

Em Paço de Sousa, no Tojal, em Setúbal, em Angola, no «Pão dos

Terminaram as férias e com o recomeço das actividades normais surge-nos a esperança de que os nossos Amigos se comprometam um pouco mais no esforço que vimos a fazer no sentido de dotar esta Casa do Gaiato de condições propícias à educação dos Rapazes. Trata-se de promover pessoas e de as libertar das suas limitações ou escravidões, em ordem a ocupar no Mundo o lugar a que têm jus. É um trabalho que a todos compete e que não se pode substituir por palavras bonitas ou expressões sentimentais. «O dever de justiça e caridade cumpre-se cada vez mais com a contribuição de cada um em favor do bem comum, segundo as próprias possibilidades e as necessidades dos outros, promovendo instituições públicas ou privadas e ajudando as que servem para melhorar as condições de vida dos homens». (Do Concílio, G. S. n.º 30).

Aguardámos a cada momento e já há meses, a comparticipação da Câmara de Loures na instalação do ramal de alta tensão que há-de fornecer energia à Aldeia, cujo custo está orçamentado em 103 contos. O edifício da cabina eléctrica está praticamente pronto e o

Pobres», em «O Gaiato», no protesto do contexto social, na busca de um pai para cada filho (não há filhos de pai incógnito, todos temos direito ao pai!), no alimento para a boca, na comunhão que sai da palavra de Deus. Personagem central das histórias verídicas do Pai Américo? Todo o mundo e ninguém! Todos nós! Os participantes do drama da fome, da sede, da falta de misericórdia, da injustiça, da ausência de caridade. Nós mesmos, que, proclamando a justiça, vamos preferindo a vida da literatura à literatura da vida. Arte social, cujos proventos são aplicados a bem da infância. Porque a função social da arte é a de fazer reverter os seus proventos para a justiça no mundo. Para inteiro cumprimento das obras de caridade, para sermos bem-aventurados.

● **«Ler o Pai Américo é abominar a ficção porque é tempo de verdade»**

O gemido socorrido, a chaga beijada por amor, o órfão perfilado, os fracassos e a miséria do mundo, mas, também, uma crónica real e realista de quem viveu a parte de desgraça que recaí sobre a nossa inocência e sobre a nossa velhice. Só não se percebe como, por fás e por nefas, o Pai Américo não seja considerado como o mais polémico dos escritores portugueses de intenção social. Claro, as histórias da literatura são para quem faz da literatura a vida e não, da vida, a autêntica literatura. Ler o Pai Américo é abominar a ficção, porque é tempo de verdade».

Júlio Mendes

Têm aparecido visitantes. Habitualmente famílias com filhos pequenos. Têm vindo também algumas excursões. Que admiração! Que alegria! Que lágrimas! Que mundo tão diferente! Que coisa maravilhosa! Que lição!

Eu, às vezes, também apaço. O Quim, geralmente, arma-se à simpatia. O «Tó» estende a mão e oferece um beijo e diz que é de Nogueirinha. O «Nassa» pergunta se trouxeram rebuçados. O Joãozinho, com olhar matreiro, finta por detrás das oliveiras. O Miguel, onde estiver, canta como uma sereia.

Anteontem estiveram dois sacerdotes. Um deles era a primeira vez. Como tudo lhe pareceu tão natural e tão sobrenatural! Insistiu que eu fosse pregar e pedir à Missa da sua paróquia.

Ontem, à hora da merenda, estavam duas famílias. O ambiente era arrumado. Tocou a sineta e o largo onde estávamos tornou-se um vespeiro. Boroa a sair do forno e fruta do nosso pomar. Duzentas mãos cheias. Não há hora como a da merenda.

No domingo (como em muitos domingos) houve desafio de futebol com um grupo de fora. No fim foi o banho na piscina. A água viu-se afilada com tantos corpos, tantos saltos e tantas piruetas. Juventude por todos os poros. Vida a manifestar-se em tudo. Estavam duas famílias, uma delas com oferta grande. Já nos conheciam, mas tudo lhes pareceu outra vez novidade.

O grupo de Senhoras de Miranda, que vem todas as semanas ajudar a cuidar da nossa roupa, segreda que anseia pela tarde de quinta-feira. E traz sempre mimos e alegria estampada no rosto. No fim levam sacos de meias para pontear em suas casas. Os mais pequeninos estão sempre à espera dos pacotes de baunilha e guloseimas.

Tribuna de Coimbra

Visto, somos mais bonitos e muito diferentes do que pregados, lidos ou reclamados. Acreditamos e testemunhamos que o amor apaixona. Sentimos que somos uma Obra de apaixonados. O primeiro apaixonado foi Deus que nos criou e Se revelou, especialmente em Seu Filho Jesus. A grande paixão de Pai Américo veio-lhe do Senhor, paixão de amor aos homens. Se não formos por Jesus, o nosso amor não chega ao termo. Eis o espanto da nossa Obra! Eis o espanto dos nossos queridos visitantes! Tudo tão belo! Deus estampado em toda a beleza que criou!

Padre Horácio

UM HOMEM

Cont. da PRIMEIRA página

quando a saúde de todo lhe faltou, mas lhe não faltaram as malsinações dos prudentes do século.

Para nós é outro Amigo mais próximo de Deus, cujo patrocínio não temos pejo de invocar. E fazemo-lo, sobretudo, por outros homens raros que cá ficaram ao serviço da Nação. Que sejam bons, amantes da verdade, leais, livres, pobres. E, quando soar a hora da rendição, tenham a superior inteligência e a sábia força de se creditarem como ele fez: «Deixem o posto e rejeitem a posta!»

Aqui LISBOA

seu apetrechamento não vai ficar por menos de 60/70 contos, pois só o transformador, que está quase a chegar, ficará em cerca de 40. (Bem haja

a quem nos mandou 3 deles para este efeito). As oficinas novas estão praticamente prontas, e a primeira casa de habitação para os Rapazes está na placa do 2.º piso. O indispensável equipamento oficial vai-se processando lentamente e aguarda-se a colaboração generosa da Fundação Gulbenkian, nas «Bodas de Prata» que este ano comemoramos. Outros trabalhos estão em curso, para lá dos encargos inerentes à manutenção de 110 jovens. Oficialmente, até ao instante em que escrevemos, nada nos chegou. Eis um quadro sumário das preocupações que sobre nós recaem e que podem ser compartilhadas por todos.

«Fazer de cada Rapaz um homem» ou, como disse Pai Américo, ajudar cada um a descobrir a sua própria consciência, é tarefa que não pode deixar de nos comprometer. Aqui fica, pois, o nosso apelo e o convite sincero para que

venham até nós e vejam com os próprios olhos a batalha que estamos travando.

AVISO

Já não é a primeira vez que nos chegam interrogações e queixas. Em certas zonas de Lisboa, mormente onde a sinalização faz parar os carros, aparecem jovens, intitulado-se da Obra, pedindo ou vendendo almanaques e outras publicações, muitas vezes ao cair do dia. Aqui fica o aviso, para quem não nos conhece, de que se trata de expediente. Os nossos Rapazes não pedem e apenas vendem «O Gaiato».

Padre Luiz

Lourenço Marques

Cont. da PRIMEIRA página

Em despesas de transporte e tractor temos 1.400\$00 nos Acessórios de Automóveis, L.da; 8.247\$80 na Codauto e 1.500\$00 na Electro-Automobilística; e, finalmente, 14 mil e tal na Shell em óleos e combustíveis.

Haverá alguém que tome a seu cargo alguma destas despesas e, qual samaritano, derrame um pouco de bálsamo nestas feridas?

Padre José Maria